

Lajonquière, Leandro de. (2010). *Figuras do Infantil: A psicanálise na vida cotidiana com as crianças*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Marcele Homrich Ravasio

Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo – IESA/UFRGS
Santo Ângelo, RS, Brasil

BOOK REVIEW: *Children Figures: Psychoanalysis in everyday life with children*.

RESEÑA DEL LIBRO: *Las Figuras Infantiles: El psicoanálisis en la vida cotidiana con los niños*.

Em 1999 Leandro de Lajonquière publica *Infância e Ilusão (psico)pedagógica*, onde propõe suas primeiras reflexões, resultados de suas pesquisas vinculado a uma universidade brasileira. A fim de recuperar as ideias avançadas na última década em torno de Freud à pedagogia e à educação, em *Figuras do Infantil*, Lajonquière trabalha o debate sobre o fim da infância tomando como campo teórico a perspectiva psicanalítica.

No primeiro eixo, intitulado *A psicanálise na educação*, Lajonquière retoma historicamente as articulações entre psicanálise e Educação. Elucidando a ideia de que Freud não é um pedagogo, mas sim um pensador que produz comentários sobre a educação, sobre a pedagogia de sua época, bem como sua própria experiência como jovem colegial, propondo exposições rápidas, que possibilitaram que outros interessados no assunto se aventurassem. Melanie Klein, Anna Freud, Françoise Dolto, Maud Mannoni, até as proposições de Catherine Millot, são referidas como herdeiras das ideias freudianas, tanto no que se refere às crianças, quanto à educação.

Para tanto, o autor retoma o sintagma “psicanálise aplicada à educação”, tomando as ideias da colega francesa Nicole Mosconi, compreendendo que a proposição não significaria um simples somatório dos conceitos psicanalíticos de prescrições para obter a resultante de uma boa educação. Para Lajonquière, psicanálise aplicada pode ser compreendida no mesmo sentido de “dedicação meticulosa” na realização de uma tarefa determinada, sendo assim “psicanálise dedicada à educação”.

De maneira sistemática Lajonquière apresenta as formulações freudianas no que se referem à

educação, apresentando os volumes e textos em que Freud referencia o assunto. Partindo da primeira ideia freudiana acerca da profilaxia das neuroses, chegando à ideia sobre a educação para a realidade do desejo. A educação para realidade não visa à produção da harmonia psíquica, mas sim a compreensão de uma impossibilidade estrutural de haver uma satisfação total e prazerosa.

Para concluir o primeiro momento de sua discussão, Lajonquière retoma ideias que reinam no campo pedagógico, assim como, o que ele nomeia como “justificacionismo” psicológico, onde tudo o que acontece na vida de uma criança é decifrado pelo campo psicológico. O tecnocientificismo anestesia e anula a enigmática constitutiva do sujeito. A psicanálise “aplicada” à educação consiste em analisar, dissolver, as ilusões tecnocientificistas que imperam no campo educativo com vistas à educação para a realidade impossível do desejo.

Na segunda proposição de seu livro, *A educação e a reprodução d'isso¹ que nos faz humanos*, Lajonquière aborda a questão do ensinar e os elementos implicados no processo. O discurso pedagógico hegemônico e seus modismos são desprovidos de qualquer efeito verdadeiramente subjetivante. A psicanálise subverte a ideia de desenvolvimento, onde as capacidades já estão inseridas no pequeno organismo que chega ao mundo, educar não é apenas estimular, interagir ou mediar.

Lajonquière vai tecendo os conceitos psicanalíticos na intenção de esclarecer as suas afirmativas no transcorrer do texto. Conceitos como sujeito do desejo, constituição subjetiva, transmissão, discurso, linguagem, complexo de Édipo, castração, se articulam

para possibilitar seus desdobramentos teóricos acerca da educação e infância. O autor situa o desejo de uma mãe, e a operação da metáfora do Nome-do-Pai, como sendo a causa da educação primordial, a educação dos primeiros tempos, como também dos fundamentos da fundação psíquica. No eixo central da educação está colocado o sujeito do inconsciente, este que se constitui a partir de uma transmissão subjetiva, para além das lógicas tecnocientificistas.

Do que não deve ser feito, ao que pode acontecer numa educação é o terceiro eixo de discussão, o autor retoma a pedagogia de Jean Itard e seu tratamento médico-moral, administrado pioneiramente na primeira metade do século XIX ao “selvagem de Aveyron”, argumentando que o ideário que deu sustentação a tal iniciativa ainda opera no cotidiano. Seu esquema básico de educação era: educar é desenvolver ou estimular as faculdades adormecidas, porém presentes no organismo graças à natureza que a todos conduz, sendo o motor desse desenvolvimento a imitação. Em suma, trata-se de uma compreensão de mundo fechado e harmônico, onde ao humano nada falta, e tudo contém no seu material interior. Itard fracassou na sua tentativa de educar Victor (“menino selvagem”), portanto ilustrando o que não deve ser feito na educação de uma criança, e assim, a necessidade de exorcizarmos o que há de morte em todo desejo de sucesso pedagógico.

Lajonquière argumenta que educar é colocar em circulação marcas simbólicas, significantes que possibilitem à criança que os apreende o usufruto de um lugar a partir do qual o desejo seja possível. Aqui a posição do adulto frente à castração é fundamental, aquele que “tudo sabe” e “tudo tem” não permite à criança entrar no campo da linguagem. Para tanto é necessário que adulto em posição de mestre ensine, ao tempo que denegue a própria demanda educativa, pois “para uma criança vir a ter a cabeça no lugar o adulto tem que estar disposto, vez ou outra, perder a sua, uma vez que a educação sempre cobra seu preço” (2010, p. 152).

A história de Hellen Keller e Anne Sullivan, também elucidada a partir do campo psicanalítico, conta a história de uma professora e sua aluna com deficiência visual. Ao contrário da história de Itard e seu selvagem, Anne e Hellen mostram que a posição de educadora foi diferente do laço encenado pela experimentação do médico-pedagogo. Anne, como educadora desejava falar com Hellen, tinha algo a dizer, também deseja escutar o que Hellen poderia falar. Anne insistia no fato que não sabia aonde a sua implicação na educação de Hellen poderia levá-la, porém ao mesmo tempo, dizia não poder abandoná-la.

Para finalizar este eixo, Lajonquière aborda a questão das crianças e as “necessidades educativas especiais”, apontando para o discurso pedagógico hegemônico como portador de uma ilusão de sanar tais necessidades. Complementa a discussão afirmando que tais crianças estariam na mesma perspectiva do selvagem de Itard, sendo que desta selvageria nada se quer saber, só se quer saber mais para poder extingui-lá ou zerar sua existência. A relação entre crianças e adultos está no viés onde os primeiros têm “aquilo” que aos outros lhe falta, na mesma lógica está a relação entre o civilizado e o selvagem.

No último e conclusivo eixo, nomeado *Sobre a degradação geral da vida com as crianças*, Lajonquière problematiza a discussão atual acerca do desaparecimento da infância, afirmando que o ideário atual em torno do fim da infância exprime um desejo bifásico: desejamos tanto o fim da infância quanto a sua perenidade. Ambos estão na mesma ilusão: que *A-criança* seja uma essência natural fora dos tempos. Lajonquière tece argumentos no sentido do que ele qualifica como infanticídio simbólico, sendo que o mundo dos adultos se omite com relação às crianças. Nega-se a diferença entre as gerações, camuflada de exacerbada preocupação pela igualdade de gêneros e divagações psicopedagógicas.

A infância só existe para o adulto enquanto perdida. Nessa perspectiva Lajonquière aborda três possibilidades de manejos com a infância: estrangeiro, selvagem e extraterrestre. Uma criança quando chega ao mundo é recebida no seio familiar com certa estrangeiridade, porém esta não é equivalente ao extraterrestre ou a um selvagem. O estrangeiro implica o inesperado retorno de algo certa vez familiar, a chegada do recém nascido anima o inesperado retorno da condição infantil.

Do indivíduo considerado selvagem pretende-se manter boa distância, querer-se-á estudá-lo de forma minuciosa e científica. No que refere-se ao extraterrestre nada queremos saber, mantendo-os em uma distância possível de adorá-los, e também fugir deles caso queiram se aproximar. Segundo Lajonquière, tanto o selvagem quanto o extraterrestre são tratados diferentemente de um estrangeiro ao qual supomos possuir coisas de um Outro mundo para nos contar.

Com a predominância do discurso tecnocientificista, endereçamos à palavra as crianças, supostamente abordando a completude a felicidade. Dessa forma negamos uma a dívida simbólica e suturamos a possibilidade de nos havermos com o que nos falta, com aquilo que é constitutivo do sujeito, assim como negamos as diferenças entre as gerações e as possibilidades de transmissão. O descompasso que atinge as crianças e os adultos seria a marca de uma

posição de não reconhecimento do “adulto” em relação aos antecessores, é o não querer dos “velhos” em não querer ser “velhos”. Quando se educa uma criança instaura-se a possibilidade da produção de psíquica de um tempo de infância, a renovação da diferença estrangeiro/familiar no nosso mundo cotidiano. Para tanto há que se ter uma posição de alteridade.

As afirmativas acerca do desaparecimento da infância, assim como as afirmativas desenfreadas da pedagogia hegemônica sobre “tudo saber” e “tudo explicar”, são subvertidas a partir das proposições elaboradas por Lajonquière, de maneira densa e sistemática, o autor abre espaço para o sujeito do inconsciente, e a importância do reconhecimento das diferenças entre as gerações, assim como a

falta (castração) constitutiva do sujeito, que poderá abrir espaços para renovação, criação, e permanente instauração da diferença.

Recebido em: 18.04.2011. Aceito em: 20.10.2011.

Nota:

¹ Referência ao inconsciente.

Autor:

Marcele Homrich Ravasio – Psicóloga/Psicanalista. Mestre em Educação pela Unisinos. Doutoranda em Educação pela UFRGS, na linha de pesquisa Psicanálise e Educação. Atualmente é docente do Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo – IESA/CNEC. É membro da Associação Espaço Psicanalítico-AEP/Ijuí onde realiza sua formação em psicanálise.

Enviar correspondência para:

Marcele Homrich Ravasio
Rua Marquês do Tamandaré, 712/401 – Bairro Dido
CEP 0000-000, Santo Ângelo, RS, Brasil
E-mail: celehomrich@ibest.com.br